

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

O “Diário” do 4º Conde da Ericeira: folheto noticioso setecentista

Tiago C. P. dos Reis Miranda¹

Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa

Resumo: Publicado a partir de um registo da Biblioteca do Palácio da Ajuda, no início dos anos de 1940, o chamado “Diário do 4º Conde da Ericeira” gerou uma série de diferentes reacções historiográficas, quanto ao seu género, ao interesse de suas notícias e à identidade do seu autor. Pesquisas recentes mostram agora que esse texto é uma parte de um “Diário” maior, escrito, com efeito, por D. Francisco Xavier de Meneses, e distribuído periodicamente, como uma gazeta, ao longo de mais de dez anos. Ganha-se assim uma fonte aumentada para o estudo de um personagem de grande relevo durante o período do “alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal”, e para a história da circulação das informações no Antigo Regime.

Palavras-chave: Periódico; Gazeta; Manuscrito; Correspondência; Historiografia

Corpo do trabalho

Em 1936, no fim de um artigo sobre o memorialismo português do início do século XVIII, Gastão de Melo Matos divulgou a notícia de que “o senhor João Lacerda”, antigo “empregado da Biblioteca Nacional de Lisboa”, lhe revelara, havia alguns anos, “a existência de uma espécie de *Memórias* do 4.º conde da Ericeira”, ainda não publicadas, nem referidas na *Bibliotheca* de Barbosa Machado. Embora Lacerda tivesse pensado dá-las à luz, nunca, de facto, o chegara a fazer, morrendo entretanto, com o segredo do seu paradeiro. Tornava-se assim bastante difícil adiantar de forma precisa o próprio carácter da composição².

Quatro anos mais tarde, em Coimbra, começou-se a imprimir uma obra da Biblioteca da Ajuda intitulada “Diário [...] que faz o 4.º Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses [...]”. As datas expressas na folha de rosto compreendiam o intervalo do início do ano de 1731 até ao final do mês de Dezembro

¹ Mestre e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Integrante do projecto “Gazetas Manuscritas e Cultura Política em Portugal no Século XVIII”, em conjunto com João Luís Lisboa e Fernanda Olival. Email: trmiranda@msn.com.

² MATOS, 1936: 19.

de 1733. Eduardo Brasão, director da empresa, informava que o texto estava inserido no códice em que também figurava um longo relato, já editado, sobre o governo de D. Afonso VI³. Sem se deter a discutir a autoria, o diplomata enumerava logo em seguida alguns dos aspectos mais impressionantes da trajectória de D. Francisco, tendo por base testemunhos coevos. Mesmo no fim, reproduzia também entre aspas toda a passagem de Melo Matos sobre o projecto de João Lacerda, afirmando não ter podido apurar se as “Memórias” que o ex-empregado da Biblioteca Nacional (BN) coincidem com o “Diário” da Biblioteca da Ajuda⁴.

Acreditou-se, em termos gerais, estar-se diante da cópia de uma “jornal” de carácter privado, que, para alguns, se inseria com toda a certeza na produção do “seiscentismo”⁵ e reforçava o velho *topos* da monotonia da vida na corte de D. João V, sem qualquer tipo de “agudeza”, “arte narrativa” ou “originalidade no comentário”⁶. Houve, porém, quem opinasse que, como a “Gazeta em forma de carta”, de Soares da Silva, e como o “Anno Noticioso e Historico”, do Padre Matoso (“jornais manuscritos”⁷), o texto em questão era uma fonte de informações “exactas e minuciosas”, com interesse “de fundo”⁸. Joaquim Veríssimo Serrão adiantou a hipótese de se tratar de uma parte “de um Diário mais volumoso”, escrito com o intuito de “esclarecer a história do tempo”, mas aparentado à literatura “de sabor intimista” do período romântico. Ao decidir editá-lo, o diplomata Eduardo Brasão teria prestado, inclusive, um “inestimável serviço” à “historiografia nacional”⁹.

A autoria de D. Francisco Xavier de Meneses nem sempre passou sem reservas entre os leitores da transcrição em letra de forma¹⁰. Do mesmo modo, houve também quem duvidasse desde o começo que o manuscrito fosse de facto de natureza essencialmente “particular”. E o primeiro a escrevê-lo, com desassombro, parece ter sido Jaime Cortesão: no seu estudo do início da década de 1950 sobre o Tratado de Madrid, sugeriu de relance que o “Diário do Conde” fôra por este enviado regularmente, em várias cópias, aos seus amigos¹¹. Ao que parece, a semelhança com

³ MACEDO, 1940.

⁴ BRASÃO, 1940-1942: XVI (II), 361-367.

⁵ SARAIVA e LOPES, [1989]: 570.

⁶ CHAVES, [1978]: 32. No mesmo sentido, DINES, [1992]: 60, 70 e 96.

⁷ ANSELMO, 1920; DANTAS, 1941, e RIZZINI, [1945]: 71-72 e 251-258.

⁸ Expressões de ALMEIDA, 1953: 255.

⁹ SERRÃO, 1974: III, 303-304.

¹⁰ CARVALHO, 1962: 201, e BARATA, 1998: 150. Ambos preferem dizer que se trata de obra “atribuída ao 4.º Conde da Ericeira”.

¹¹ CORTESÃO, 1950-63: I, II, 331.

a estrutura da obra do Padre Matoso (que ele conhecia pela edição da BN¹²) não escapara à perspicácia do historiador. Para além disso, sua leitura sempre aturada de textos de época deve-lhe apontado vários indícios complementares da existência de um circuito de distribuição “familiar”.

Ofélia Milheiro Paiva Monteiro, anos depois, chegou um pouco mais longe. Graduanda na área de Literatura, ao reunir elementos para uma dissertação de fim de curso em torno do tema do “alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal”, decidiu consultar na Biblioteca Pública de Évora uma série de cartas de D. Francisco Xavier de Meneses a Rodrigo Xavier Teles de Meneses, Conde de Unhão, residente no Algarve. Nelas achou, com alguma surpresa, pequenos folhetos noticiosos da autoria do Ericeira, constantemente remetidos para Faro ao longo de cerca de uma década. Em meados do ano de 1734, a indevida divulgação de alguns desses textos (ainda por cima adulterados), prejudicara a imagem do seu redactor no mundo da corte. Forçado, portanto, a interromper a actividade de “gazeteiro”, D. Francisco Xavier de Meneses passara a incluir os relatos dos seus folhetos entre os parágrafos mais resguardados das suas cartas particulares¹³.

O estilo dos textos do Ericeira ao Conde de Unhão logo lembrou a Ofélia Monteiro o do “Diario do 4º Conde”, publicado na *Biblos*: as duas fontes apresentavam basicamente o mesmo tipo de simplicidade e, inclusive, de certo descuido, na redacção. O facto de, em ambos os casos, também existir uma quebra sequencial bastante notória, coincidente na data (1734), quase que impunha a conclusão de que, afinal, o manuscrito da Biblioteca da Ajuda era o registo de uma parte das folhas informativas que D. Francisco Xavier de Meneses distribuía à distância, pelos amigos, desde meados da década de 1720¹⁴. Algumas das dúvidas mais revelantes que ensombavam o “Diario do Conde” podiam assim começar a desfazer-se.

A jovem Ofélia Monteiro não pretendeu, no entanto, confirmar a ideia que, já antes dela, Cortesão semeara, nem se animou a tentar corrigir frontalmente as opiniões mais comuns, em contrário. A conclusão que propôs teve para ela importância porque ajudou a dimensionar um pouco melhor o investimento do seu personagem central na manutenção da sua rede de amigos. Por excederem o escopo da

¹² *Idem*, I, I, 72, 74 e 82, e I, II, 183.

¹³ MONTEIRO, 1963: 79-81.

¹⁴ *Idem*.

dissertação, as consequências daí resultantes para outros estudos, como o da história da circulação das informações no Antigo Regime, ou o da “natureza” dos “jornais manuscritos” no Portugal de D. João V, foram deixadas de lado. E quase ninguém as notou.

Com efeito, apesar do “Diario do Conde” ter despertado interesse em áreas diversas, não se chegou a difundir pela historiografia a percepção de um problema relacionado com a intencionalidade do seu redactor, nem com o carácter de aparente registo do manuscrito da Biblioteca da Ajuda: de um modo geral, os especialistas que o utilizaram colheram apenas das suas páginas os “factos concretos” que lhes soavam tematicamente mais pertinentes. Noutras palavras, não se formou qualquer tradição de análise crítica centrada no texto que Eduardo Brasão publicara. Outros autores tenderam depois, por esse motivo, a repetir uma parte dos mesmos esforços.

Logo no início dos anos de 1970, Jacqueline Monfort apresentou um ensaio sobre a história da música e do teatro na época de D. João V. Nele informava que se servira de um “jornal manuscrito” da Biblioteca Pública de Évora, composto por vários volumes, que se estendiam ao longo de mais de duas décadas. Em meados de Agosto de 1729, intitulava-se apenas “Diario”; tempos depois, chamar-se-ia sucessivamente “Diario de Lisboa”, “Folheto de Lisboa Occidental”, “Folheto de Lisboa”, “Mercurio Historico de Lisboa” e “Mercurio de Lisboa”. Teriam decerto intervindo na sua redacção diversos indivíduos; entre eles, os académicos escalabitanos Luís Montês Matoso e Rodrigo Xavier Pereira de Faria (identificados no catálogo de Cunha e Rivara e Teles de Matos¹⁵). O tipo de notas que divulgava era abrangente: crónicas e *faits divers*, boletins de saúde, notícias de guerra e ecos da corte, rumores políticos, religiosos e comerciais. Apesar de só ter interesse pelas notícias relacionadas com a história da música e do teatro, Jacqueline Monfort constatou que, de um modo geral, muitas passagens da sua fonte coincidiam *ipsis verbis* com as de outra, já editada; fonte que, aliás, Claude-Henri Frèches utilizara de forma intensiva, em artigo recente com o mesmo recorte: mais uma vez, o “Diario do Conde da Ericeira”¹⁶. Muito de novo existia, porém, na colecção de folhetos da Biblioteca de Évora: tanto por ser mais extensa, como por ter menos falhas. E o

¹⁵ RIVARA, 1850-1871: III, 8-9.

¹⁶ MONFORT, 1972: 566-570, e FRÈCHES, 1965: 103-105.

trabalho de Jacqueline Monfort torna-se-ia numa das pedras de toque do movimento de redescoberta do património operático setecentista em Portugal¹⁷.

Talvez noutras áreas se esteja a adiar um efeito semelhante.

Os códices da colecção da Biblioteca Pública de Évora formam, de longe, o mais extenso e importante conjunto de “jornais manuscritos” da primeira metade do século XVIII existente em Portugal. O intervalo de tempo por que se estendem abarca com folga os das outras colecções referidas pela historiografia. De igual modo, neles se reúnem praticamente todas as dúvidas sobre o próprio problema da natureza desse tipo de textos, em Portugal. Investigadores do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa e do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora tomaram portanto, recentemente, a iniciativa de editar a série inteira, comparando o seu texto com os das outras lições conhecidas. E um dos primeiros resultados desse trabalho é a confirmação de que o “Diario” da Biblioteca da Ajuda constitui apenas uma parte de uma obra maior, da autoria de D. Francisco Xavier de Meneses.

Da autoria do “Diario”

O texto do “Diario” da Biblioteca da Ajuda apresenta somente uma passagem em que o autor se refere a si próprio, enquanto tal: logo ao começo do assento “de 10 a 24 de Julho de 1731”, prevê-se uma próxima quebra de continuidade na narrativa, com a desculpa de uma viagem que “o chronista” iria fazer até às Caldas, “acompanhando a Sra. Condessa sua nora”, por cerca de um mês¹⁸. A ausência de nomes parece tornar esse trecho pouco expressivo: havia na corte da altura muitas condessas e as idas a banhos eram frequentes, para tratar das mais diversas mazelas¹⁹. Mas, ainda em Julho, torna-se a ler com toda a clareza que a jornada do “Conde da Ericeira D. Francisco” se dilatou “por apostomar hua sangria à Sra. Condessa”. E num “Diario” de meados de Setembro do mesmo ano dá-se notícia do resultado da deslocação de toda a família, grafando-se os nomes de mais alguns membros: “[...] na jornada [das Caldas] se alcançou o beneficio do remedio da Sra. Condeça e se recolheu com saude no primeiro de Setembro livre o Conde D. Luis de hum ataque de

¹⁷ V. BRITO, [1989]; CARVALHO, 1991, e BARATA, 1998, entre outros.

¹⁸ LISBOA, MIRANDA e OLIVAL: 1, 140.

¹⁹ *Idem*: 209 (Caldas) e 216 (Banhos), por exemplo.

gota, seu filho Fernando de huns crescimentos [...]”²⁰. Ora, na altura, a “Sra. Condessa” da Ericeira era D. Ana Xavier de Rohan, esposa de D. Luís de Meneses. Entre os seus filhos, um dos mais novos era de facto chamado Fernando²¹. As inferências historiográficas associadas à indicação nominal do cabeçalho do manuscrito ganham assim maior relevância.

Nos dois volumes de Évora já preparados para publicação (1729-131 e 1732-1734), contam-se ao todo seis referências expressas ao redactor dos “Diarios”, enquanto tal. Três desses casos têm a ver com alterações de cadência na “edição”, quer por doença, quer por viagem²²; os outros três, com a remessa de votos de Boas-Festas, perto da Páscoa ou do Natal²³. Excetuando o da jornada das Caldas, nenhum desses trechos fornece entretanto quaisquer elementos adicionais para esclarecer a identidade do autor dos folhetos.

As alusões que se fazem aos Ericeiras destacam-se menos pelo seu número, que pela forma como são escritas. Cabe notar o apreço patente pela carreira eclesiástica de Fr. António da Piedade, filho segundo de D. Francisco, e o desvelo com que se narram alguns incidentes nas terras do Conde²⁴. Do mesmo modo, merecem registo pequenos detalhes das muitas passagens sobre o saber literário de D. Francisco, como, por exemplo, o tom de modéstia na reacção ao acolhimento acalorado de um seu discurso académico: “[...] fes o elogio [do 1º Marquês de Alegrete] o Conde da Ericeyra, não tendo mais que hu dia para o compor; e logo se destrebuhio impreço, *tendo a fortuna de parecer bem [...]*”²⁵.

Já em Novembro de 1735, esse tipo de envolvimento surge também na notícia da perda de D. Maria Madalena Meneses, única irmã de D. Francisco. Diz-se que então ela estava no Paço da Anunciada “para se curar de humas sezões”, não resistindo a uma mais forte que a assaltara. Morrera “com a páz com que tinha vivido 59 annos, 4 mezes, e 6 dias”, sendo levada “a enterrar ao seu convento da Encarnação, donde era moça do coro ha mais de 40 annos”. E, de repente, lê-se em remate: “[...] esta triste noticia não permite acabar o diario &”²⁶.

²⁰ *Idem*: 144.

²¹ GAYO, 1989-1990: VI, 713 (Tt.º de Meneses, § 33, N 19), e X, 540 (Tt.º de Souza, § 333, N 26).

²² “Diarios” de 22.5 e 10 a 24.7.1731 e 15.7.1732.

²³ “Diarios” de 25.12.1730, 29.12.1732 e 6.4.1733.

²⁴ “Diarios” de 10 a 24.7 e 27.11.1731, e 21.10.1732, especificamente sobre horta e ao jardim do 4º Conde.

²⁵ “Diario” de 12.5.1733 (grifo meu).

²⁶ “Diario” de 29.12.1735, BPE, CIV/1-7 d, f. 35.

Outro folheto posterior traz um trecho ainda mais claro:

O Conde de Ericeira D. Francisco, estando no dia 20 [de Outubro de 1739] a noite em caza do Sr. Cardeal da Cunha, o levou hum creado de S. Em^a, inadvertidamente, ao alto de hua escada de donde deu huma [...] perigoza queda, ferindo-se sobre hum olho, o livrando com o braço o corpo, que por esta cauza não molestou em 8 degraos: a ferida descubrio o osso: O Nuncio estaua presente, e com seis sangrias se acha, o Conde livre ate agora de sintoma, porque nem febre fizerao as materias [...].

Cheio de orgulho da sua rija constituição, conclui com clareza: “[...] e ainda assim dicta este Diario, por não faltar aos amigos auzentes”²⁷.

Todos os indícios dos próprios folhetos em prol da autoria de D. Francisco Xavier de Meneses são do período abrangido pelos primeiros quatro códices factícios da série de Évora: 1729-1731, 1732-1734, 1735-1737 e 1738-1740. Códices que têm um aspecto geral bastante homogéneo, dos cabeçalhos ao estilo da escrita, e que o catálogo de Cunha e Rivara e Teles de Matos agrupa igualmente numa unidade. Parece improvável que surjam indícios internos da existência de mais redactores.

O “Diario” na obra do Conde

D. Francisco Xavier de Meneses deixou uma obra impressionante: Diogo de Barbosa Machado relaciona um total de quase sessenta títulos impressos e meia centena de manuscritos. Seus interesses compreendiam praticamente todo o espectro de conhecimentos da altura, da matemática à medicina. Merecem destaque os trabalhos de história, as orações académicas e as composições literárias²⁸.

As actividades do 4º Conde também incluíam o frequente contacto com outros nomes do mundo das letras. Dentro do reino e fora dele. Habilidoso mecenas, alimentava em torno de si um amplo conjunto de relações clientares, que com o tempo o ajudaram a sedimentar o seu prestígio²⁹.

A descrição da correspondência de D. Francisco encontra-se feita na *Bibliotheca* em dois grandes títulos: “*Cartas Familiares* em cinco linguas” e “*Cartas Filosoficas* sobre pontos eruditos a muitos homens doutos de Europa”³⁰. A maior parte perdeu-se no fogo do terramoto, em 1755. Apesar disso, muitas lembranças da assiduidade dos exercícios epistolográficos do 4º Conde sobreviveram em outras

²⁷ BPE, CIV/1-8 d, f. 151v-152.

²⁸ MACHADO, 1741-1759: II, 291-296, e IV, 146.

²⁹ *Idem*: 290; ANDRADE, 1966: *maxime* 138-139; ARAÚJO, [2003]: 23-24, e MOTA, 2003: 217-222.

³⁰ MACHADO, 1741-1759: II, 295.

fontes, bastante expressivas. Como, por exemplo, no detalhado catálogo que o escrivão Lopes Ferreira fez editar em 1729, junto com as *Fabulas de Eco, y Narciso*³¹.

Segundo essa lista, a coleção dos escritos autógrafos de D. Francisco estava ordenada em seis grandes blocos, na livraria do seu palácio, correspondentes não propriamente a períodos distintos da produção literária do Conde, mas aos estudos mais adequados a cada idade do homem; a saber: infância, puerícia, adolescência, juventude, idade varonil e velhice.

Os géneros típicos da idade infantil eram os versos e os poemas. Na puerícia, classificavam-se as orações, alguns dos discursos, os problemas morais e as intervenções académicas. Na adolescência, os discursos filosóficos e os métodos de estudo. Na idade juvenil, dissertações críticas, epistolografia e tratados científicos. Trabalhos de história, genealogias e relações de temas políticos e militares, na idade varonil. Para a velhice, ficavam somente as obras do espírito.

Vários dos géneros mais abrangentes apresentavam alguns subtítulos. No caso das cartas, chegava a haver oito: cartas latinas; cartas italianas; cartas francesas; cartas castelhanas; cartas a pontífices, reis e príncipes; cartas a homens doutos; cartas familiares, e cartas “com notícias da Corte, e do Mundo”, de 1692 a 1729. Utilizavam-se, assim, em simultâneo, três diferentes critérios de ordenação: o da língua de escrita, o do estatuto do destinatário e o do tipo de assunto desenvolvido.

As duas curtas indicações de Barbosa Machado a esse respeito talvez decorressem precisamente de um esforço de síntese mais razoável. Da solução adoptada, resulta, porém, uma ideia menos completa da diversidade da produção epistolográfica de D. Francisco e da relevância particular das suas cartas com as “notícias da Corte, e do Mundo”.

Ainda no tempo da Guerra da Sucessão Espanhola, o Cardeal D. Nuno da Cunha, do Conselho do rei, mantinha informado o embaixador português em Barcelona, 1º Conde de Assumar, sobre os negócios políticos e militares que se tratavam junto do trono, acrescentando com todas as letras, naturalmente, que “as novas da terra toçao ao Conde de Ericeira”³². Anos mais tarde, o mesmo D. Nuno, ausente em Itália, agradecia ao seu amigo D. João de Almeida a assiduidade das suas

³¹ MENESES, 1729. Sobre Miguel Lopes Ferreira, escrivão dos Contos do Reino, v. MACHADO, 1741-1759: III, 475.

³² Carta do Cardeal D. Nuno da Cunha a D. João de Almeida, 1º Conde de Assumar, Pedrouços, 2.7.1712, Orig., IAN/TT, *Casa da Fronteira*, Mº 99, doc. 16

cartas familiares, e comentava em tom de lamento que, para além delas, só recebia da corte as de D. Francisco Xavier de Meneses³³.

Tudo parece portanto indicar que o 4º Conde da Ericeira desempenhou longamente o encargo informal de cronista do reino. E o “Diario” que agora se edita, partindo da série dos textos de Évora, deve entender-se nesse contexto. Como aliás definia o próprio Conde, em carta datada de 20 de Maio de 1738 ao governador militar da Província do Algarve, “[...] os diários são humas cartas, que vos escrevo, sem o encargo de respostas [...]”³⁴.

A atribuição de autoria que aqui se propõe em relação a todo o conjunto de quatro volumes iniciais da série de Évora, alarga o período abrangido pelo que antes se denominava “Diário do Conde”, em mais de oito anos. No que respeita ao número de fólios, há um aumento de cerca de cento e quarenta, para quase um milhar. Novos recursos, que vêm assim trazer outra luz ao estudo da vida e da obra de D. Francisco Xavier de Meneses. Para além disso, o “Diario do Conde” passa também a ocupar posição de relevo no inventário das narrativas do longo reinado de D. João V.

Divulgação

Quem recebia o folheto noticioso do Ericeira e quem tinha acesso à sua leitura? Terá existido um grupo de gente constante empenhado em seguir-lhe as notícias? Com que estatuto? E com que proveito?

Nas poucas passagens em que o autor do “Diario” se refere a si próprio, nesse papel, existem às vezes alguns elementos a indicar os seus destinatários. Por exemplo: os votos de Páscoa de 1733, nos exemplares da série de Évora, são dirigidos directamente para o leitor, que surge tratado como “Excelência”³⁵. Noutras alturas equivalentes, o tratamento de cortesia vem no plural³⁶. Do mesmo modo, no início de Julho de 1732, o Conde confessa-se muito sentido pelo transtorno acarretado aos “seus ilustres correspondentes”, com o despacho de uma gazeta menos bem-feita³⁷. Pouco mais tarde, depois da passagem de um furacão, deixa, por fim, o desejo formal

³³ Carta do Cardeal D. Nuno da Cunha a D. João de Almeida, 1º Conde de Assumar, Roma, 10.2.1722, Orig., *ibidem*, doc. 52.

³⁴ Carta de D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde da Ericeira, a D. Rodrigo Xavier Teles de Meneses, 4º Conde de Unhão, Lisboa Ocidental, 20.5.1738, Orig., BPE, CXX/ 2-6, p. 152, f. 175.

³⁵ “Diario” de 6.4.1733 (“O Autor do Diario dezeja a V. Exa. muito boas festas”).

³⁶ “Diario” de 25.12.1730 e 29.12.1732 (“O Autor do Diario dezeja a V. Exas. as festas e annos muito felizes”; “Dezeja a V. Exas. o Autor do Diario as festas tão alegres que acabem e principiem os annos com as majores feleçidades”).

³⁷ “Diario” de 15.7.1732.

da conservação dos seus contactos habituais: “[...] queira Deos que [...] Vossas. Exas. não padecessem [...]”³⁸. Trata-se ao todo de um conjunto de cinco passagens a sugerir a existência de uma rede de interessados em acompanhar a vida da corte através do “Diario”, e eventualmente co-responsáveis pela recolha dos dados expressos.

Ainda na série de Évora, encontram-se notas suplementares no verso das folhas ou logo a seguir à frase de fecho das próprias “gazetas”. Podem conter a indicação de um destinatário particular ou um pequeno recado de última hora. A mais antiga ocorrência dessas “mensagens” é a datada de 1 de Novembro de 1729, escrita em primeira pessoa do singular: “Para o correio agradecerey a V. Exa. o presente”. Já em meados dos anos de 1730, a expressividade é muito maior, e os motivos, bastante mais claros: “O gazeteiro agradeçe a V. E. os repetidos regalos com que lhe remunéra este obsequio da sua lembrança e obrigaçam; porque certamente saem muito bem vendidas, as novas dadas nos Diarios”³⁹. A certa altura, chega a haver espaço para trocadilhos e imagens jocosas, antecedendo o relato de um outro caso, inusitado:

O gazeteiro, que agradece a S. Exa. as predizes como deve, tanto pello regalo como pella abundancia das penas, que remetendolhas S. Exa. são para elle multiplicados alivios, e instrumentos para darlhe algum em escrever as novas que sabe que não são mais, por não hir a Lisboa hontem em rezão de lhe ferirem 4 creados em huma pendencia que forão apartar Domingo aqui em Tilheiras, sem pao nem arma alguma, tendoas os que a armarão⁴⁰.

Três dos recados dos “Diarios” do Conde são como cartas familiares. O que sucede a notícia da queda do autor, em 1739, encontra-se escrita em caligrafia diversa do resto da folha, e apresenta um elemento que esclarece a natureza da relação existente com o destinatário:

Meu primo, e amigo do meu coração: com a cabeça, e o coração quebrado, vos escrevo sem formalidade, porque não hé necessario, quando conheceis o meu affecto, e que sinto o que vos dá pena igualmente que me interesse no que vos dá gosto: E poupando-vos huma resposta, me não pouparey nunca em servir-vos. &. ^{a41}.

Outro recado do 4º Conde para o seu primo vem separado do resto do texto de todo o folheto por um traço contínuo, na horizontal. Trata-se de um bilhete do início de Maio de 1736, que recomenda o despacho de um assunto algarvio: “[...] Não vos lembro como conselheiro de Guerra, mas como amigo, a brevidade na informação de Belchior dos Reys juis da Caza do Compromisso de Faro, que vay falar convosco

³⁸ “Diario” de 21.10.1732.

³⁹ “Diario” de 28.5.1737, BPE, CIV/ 1-7 d, f. 160v.

⁴⁰ “Diario” de 28.8.1736, *ibidem*, f. 101.

⁴¹ “Diario” de 20.10.1739, *supra cit.*

[...]”⁴². Em caso diverso, cerca de um ano depois, trocam-se as partes na correspondência, e é D. Francisco que tem a resposta a um pedido do reino do Algarve: “Amigo o Conselho fes o que vos mandastes no capitão mor de Aljezur mas El Rey ha muito tempo que ou duvida ou revoga as nominaçoens da Ordenança que faz o Comselho”; logo em seguida, juntam-se os votos de boa saúde: “Queira Deos que vos e vosso filho esteijão livres do defluxo &.”⁴³.

Primo afastado do Ericeira, e com o encargo do reino algarvio, era, na altura, o gentil-homem D. Rodrigo Xavier Teles de Meneses, 4º Conde da Casa de Unhão. Por morte do pai, herdara o seu título ainda antes de completar os quatro anos, perto do fim do mês de Setembro de 1687. Era senhor de seis concelhos e de dois coutos, comendador nas Ordens de Cristo e Santiago, e rico morgado em várias províncias. Na região do Cartaxo, tinha importantes lezírias e campos de touros, adquiridos por seus avós. Apesar disso, parece provável que, nos finais do século XVII, a sua Casa já começasse a entrar em declínio, acumulando muitos mais gastos do que receitas, e sendo obrigada a contrair diversos empréstimos, que se juntavam a hipotecas consecutivas. As prolongadas funções de governador do reino do Algarve acentuaram, por fim, todo o processo. Em 1768, os bens de seu filho acabariam incorporados nos do Marqueses de Niza. E, desde então, “o esplendor do nome do Gama offuscou o dos Telles”⁴⁴.

Por uma carta da Biblioteca Pública de Évora, fica a saber-se que era afilhado do 4º Conde da Casa de Unhão, Rodrigo Xavier Pereira de Faria: o académico de Santarém. Também se nota que entre ambos havia um contacto de algum frequência, e que o letrado, quando possível, se aproveitava da relação, para enriquecer o seu acervo de notas históricas e curiosas:

[...] tive a noticia que V. Exa. fizera imprimir hum Memorial com as rezoens mais recopiladas a favor da Caza de V. Ex.^a na contenda de Aveyro, e já que tive a honra de V. Ex.^a me dar a sua primeyra Alegação tambem dezejo que me faça merce deste segundo papel, e que não esqueção os sinetes da sua Caza em todas as figuras que foy servido mostra-me para que com este preciozo donativo authorize mais a collecção da minha coriozidade⁴⁵.

⁴² “Diario” de 3.5.1736, BPE, CIV/ 1-7 d, f. 79.

⁴³ “Diario” de 21.5.1737, *ibidem*, f. 158v.

⁴⁴ SAMPAYO, [1984]: 100. Para a importância dos Condes de Unhão em Santarém, ARRUDA, 1980: 78. V. ainda COSTA, 1706-1712: I, 127-128; GAYO, 1989-1990: IX, 392-393 (Tt.º de Silvas, § 6, N 18 e 19); FREIRE, [1996]: II, 97, e MONTEIRO, [1998]: *maxime* 122-124.

⁴⁵ Carta de Rodrigo Xavier Pereira de Faria ao 4º Conde de Unhão, Santarém, 3.9.1749, Orig., BPE, CXX/2-15, p. 88, f. 128. Sobre as citadas alegações, v. MACHADO, 1741-1759: IV, 245.

É verosímil que, anos depois, diante da queda da Casa de Unhão, Pereira de Faria tentasse obter junto do Conde alguma parte do seu espólio, e que esta parte pudesse integrar um dos lotes arrematados em Santarém por instrução de D. Fr. Manuel do Cenáculo, em 1782⁴⁶. Justificava-se, assim, a existência na série de Évora de tantos “Diários” com notas expresas do seu autor para D. Rodrigo Xavier de Meneses.

Que, de algum modo, o Bispo de Beja adquiriu um grande número de manuscritos dos Condes de Unhão, comprova-o bem a correspondência descrita no tomo segundo de Cunha e Rivara. Trata-se de um conjunto com cerca de quatro centenas e meia de peças⁴⁷, onde se incluem as cartas do Ericeira que despertaram o interesse de Ofélia Paiva Monteiro.

D. Francisco Xavier de Meneses refere-se aí às “gazetas” para o seu primo, como maneira de o ir informando das últimas novas das gentes da corte. Sempre de acordo com Ofélia Monteiro, a primeira alusão ao “Diário” seria datada do ano de 1724: “Eu faço agora ao Louriçal uma jornada de quinze dias e, se tardar algum diário, irá mais cheio do que se seguir”. Aos 28 de Junho de 1729, tornava a haver referência a uma quebra de continuidade: “[...] a larga doença da Condessa que Deus tem [...] foi causa de não continuar os diários, que principiarei no correio que vem [...]”. E, já em Agosto de 1734, diante de um quadro algo inseguro, as novas da corte teriam passado a ser transmitidas em forma de carta⁴⁸.

Ora, de facto, na Biblioteca Pública de Évora a correspondência do 4º Conde da Ericeira para o seu primo, Conde de Unhão, conta com mais de vinte peças, do tempo da Guerra da Sucessão Espanhola (1706), até muito perto da morte de D. Francisco (1743)⁴⁹. A carta que alude à jornada para o Louriçal tem um dos dígitos da sua data com uma emenda posterior, que torna a leitura muito difícil. Parece possível que seja 1728. De qualquer modo, se a leitura de Ofélia Monteiro for a correcta, daí não resulta que os folhetos tenham mantido uma frequência constante desde meados dos anos de 1720. Cabe lembrar, por exemplo, que no período de 1726 a 1727 o 4º Conde da Ericeira foi enviado em desterro para Castelo Rodrigo, por tomar parte com outros fidalgos num desacato a um corregedor⁵⁰. É improvável que o seu “Diário”

⁴⁶ Correspondência de Diogo Pedro da Silva Torres a D. Fr. Manuel do Cenáculo, 1782-183, CXXVII/1-7, f. 201-221.

⁴⁷ RIVARA, 1850-1871: II, *passim*.

⁴⁸ MONTEIRO, 1963: 79-81. A Condessa da última citação era D. Joana Madalena de Noronha, esposa de D. Francisco.

⁴⁹ BPE, CXX/2-6, p. 136, f. 150, a p. 160, f. 193.

⁵⁰ V. *O Portugal de D. João V...*, [1989]: 69-71.

tenha saído nesse intervalo. Por outro lado, considerando que o exemplar mais antigo que se conhece é da primeira quinzena de Agosto de 1729⁵¹, a correspondência da Biblioteca Pública de Évora permite fazer recuar pelo menos em algumas semanas o marco de início da redacção dos folhetos, e torna mais viva a relevância dos testemunhos sobre a fidelidade de D. Francisco à “correspondência noticiosa” e ao seu encargo officioso de cronista da corte.

No que respeita à suspensão de 1734, o depoimento do próprio Conde é realmente fundamental, dando uma ideia pouco comum das múltiplas formas de recriação dos manuscritos volantes:

Meu primo, e meu amigo do coração. Ahinda que tenho padecido humaz sezoefi, de que há hum mez não estou ahinda de todo convalescido, e ao mesmo tempo me deu meu neto Francisco cuidado, e está recahido agora, não faltei em mandarvos os Diarios com a pomptualidade que exprimentastes com que dezejei sempre darvos gosto, porem como em alguma couza havia de tér a vaidade de parecerme comvosco, achei tantos engratos, que as mesmas pessoas a quem com as copias dos mesmos Diarios dezejava agradar, os commentavão, e acrescentavão as novas, e murmuraçoefi, que lhe parecia fazendome danno gravo [*sic*], e chegando athé o Paço estas falsidades, isto me obrigou a fazer hum voto de evitar estas occasiões mais de malquistarme [...].

Apesar disso, diz D. Francisco, com seu engenho, e redobrada ousadia, que

[...] como vós sempre fostes para mim excepção da regra, mudarei só a forma, dandovos, quando as houver, algumas noticias da terra, porque as do mundo vem agora bastantemente individuadas na nossa gazeta, e as que aqui chegão antes dos correios são muito incertas pellas diversas parcialidades em que a Corte se divide.

Logo em seguida, cheio de sal, ainda reclama a cumplicidade de D. Rodrigo, numa gostosa manobra de distracção:

Em premio desta minha fineza, só pretendo que nesse Reyno me não deis por Autor, e que a esta Corte escrevaes, queixandovos de mim, porque vos faltó com os Diarios, e tão bem vos desobrijo do trabalho de responder as cartas, senão for quando me deres boas novas vossas, e da vossa illustre familia, pois tão bem consagra a obsequio da Condessa minha Senhora este piqueno sacraficio [*sic*]⁵².

Essa maneira de contornar a censura dos pares e, provavelmente, também da Coroa, parece estender-se por quase dez meses⁵³. Ainda assim, já em Abril de 1735, volta a haver um “Diario” do Conde na série de Évora⁵⁴. As relações diplomáticas com a Espanha estavam, na altura, suspensas, e a todo o momento se esperava que se rompessem as hostilidades entre os exércitos. No seio da corte, D. João V fora forçado a tocar a rebate, posicionando junto de si os militares mais competentes.

⁵¹ LISBOA, MIRANDA e OLIVAL: 1, 47-50.

⁵² Carta de D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde da Ericeira, a D. Rodrigo Xavier Teles de Meneses, 4º Conde de Unhão, Lisboa, 24.8.1734, Orig., BPE, CXX/2-6, p. 141, f. 151.

⁵³ *Ibidem*, f. 151-171v.

⁵⁴ “Diario” de 3.4.1735, BPE, CIV/ 1-7 d, f. 2-3v.

Como se viu num bilhete a D. Rodrigo, o 4º Conde da Ericeira teve um lugar no Conselho de Guerra⁵⁵, sendo provável que o exercesse com todo o brilho habitual.

Em carta datável de antes de Agosto de 1736, D. João V queixava-se ao seu principal conselheiro, o Cardeal D. João da Mota, que não lhe agradava nenhum dos indivíduos propostos para ocupar as três novas Secretarias de Estado. Uns, por novatos; outro, por velho; a maior parte, por proximidade a D. Francisco Xavier de Meneses. Nas próprias palavras do rei, “este hom? atraca a todos e mexe muito”⁵⁶.

Uma das provas mais contententes desse desejo de influência e de espantosa energia no seu desempenho são os “Diarios” que agora se editam.

Manuscritos

(BPE) Biblioteca Pública de Évora

“Anno Noticioso [...]”, “Folheto de Lisboa”, “Mercurio [...]”, 1741-50 e 1753-54, CIV/1-9 d a CIV/1-23 d.

Carta de Rodrigo Xavier Pereira de Faria ao 4º Conde de Unhão, Santarém, 3.9.1749, CXX/2-15, p. 88, f. 128.

Correspondência de Diogo Pedro da Silva Torres para D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas, 1782-183, CXXVII/1-7, f. 201-221.

Correspondência de D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde da Ericeira, para D. Rodrigo Xavier Teles de Menese, 4º Conde de Unhão, 1706-1742, CXX/2-6, p. 136, f. 150, a p. 160, f. 193.

“Diario”, 1729-40, CIV/1-5 d a CIV/1-8 d.

(IAN/TT) Instituto dos Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo

Conselho de Guerra, Mº 94, doc. 8.

Casa da Fronteira, Mº 99, doc. 16 e 52.

Bibliografia

ALMEIDA, M. Lopes de, 1953, “Portugal na época de D. João V. Esboço de interpretação político-cultural da primeira metade do século XVIII”, *Actas do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Washington, 15-20 de Outubro de 1950*, Nashville, The Vanderbilt University Press, pp. 253-259.

ANDRADE, António Alberto Banha de, 1966, *Vernei e a cultura do seu tempo*, Coimbra, Universidade de Coimbra.

ANSELMO, António, 1920, “Alguns jornais manuscritos da Biblioteca Nacional”, *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, II Série, Vol. 1 (3), pp. 241-243.

ARAÚJO, Ana Cristina, 2003, *A Cultura das Luzes em Portugal. Temas e Problemas*, [Lisboa], Livros Horizonte.

⁵⁵ Decreto régio de 29.3.1735, Orig., IAN/TT, *Conselho de Guerra*, Mº 94, doc. 8.

⁵⁶ BRASÃO, 1945: 127.

- ARRUDA, Virgílio, 1980, *Luís Montês Matoso, Historiador e Jornalista (Uma vida por conhecer e uma obra por publicar)*, Lisboa, Academia Portuguesa da História (Separata dos Anais, II Série, Vol. 26, T. II).
- BARATA, José Oliveira, [1998], *História do Teatro em Portugal (Séc. XVIII). António José da Silva (O Judeu) no palco joanino*, [Oeiras], Difel – Difusão Editorial S. A.
- BRASÃO, Eduardo, 1945, *D. João V. Subsídios para a história do seu reinado*, Porto, Portucalense Ed., S.A.R.L.
- BRASÃO, Eduardo (introd. e notas), 1940-42, “Diário de D. Francisco Xavier de Menezes 4.º Conde da Ericeira (1731-1733)”, *Biblos*, XVI-XVIII.
- BRITO, Manuel Carlos de, [1989], *Opera in Portugal in the eighteenth century*, Cambridge, Cambridge University Press.
- CARVALHO, Ayres de, 1962, *D. João V e a arte do seu tempo*, 2 Vols., S/ 1, Edição do Autor.
- CARVALHO, Mário Vieira de, 1991, “Trevas e luzes na ópera de Portugal setecentista”, in: *Portugal no século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII/ Universitária Editora, pp. 319-332.
- CHAVES, Castelo Branco, [1978], *Memorialistas portugueses*, [Lisboa], Instituto de Cultura Portuguesa (“Biblioteca Breve”, 21).
- CORTESÃO, Jaime, 1950-63, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, 5 Partes, 9 Vols., Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores.
- COSTA, P.e António Carvalho da, 1706-1712, *Corografia Portuguesa*, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes.
- DANTAS, Júlio, 1941, “Os jornais manuscritos do século XVIII”, *Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas*, 4, Out.-Dez., pp. 37-49.
- DINES, Alberto, [1992], *Vínculos do Fogo*, Vol. I, 2ª ed., [S. Paulo], Companhia das Letras.
- FRÈCHES, Claude-Henri, 1965, “Le Théâtre Aristocratique et l’Évolution du Gôut au Portugal d’après la *Gazeta de Lisboa* de 1715 à 1739”, *Bulletin des Études Portugaises*, Nouvelle Serie, Vol. XXVI, pp. 95-110.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp, [1996], *Brasões da Sala de Sintra*, 3 Vols., fac-símile da ed. de 1973, [Lisboa], Imprensa Nacional / Casa da Moeda.
- GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras, 1989-1990, *Nobiliário de famílias de Portugal*, reimp. de 1938-42, 12 Vols., Braga, Edições de Carvalho de Basto.
- LISBOA, João Luís, MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis, e OLIVAL, Fernanda, 2002, *Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora*, Vol. 1 (1729-1731), [Lisboa], Edições Colibri/ CHC-UNL/ CIDEHUS-EU.
- MACEDO, António de Sousa de [sic], 1940, *D. Afonso VI*, Apresentado por Eduardo Brasão, Porto, Livraria Civilização.
- MACHADO, Diogo Barbosa, 1741-59, *Bibliotheca Lusitana*, 4 Vols., Lisboa, Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca e outros.
- MATOS, Gastão de Melo, 1936, *Notícias de alguns memorialistas portugueses do princípio do século XVIII (2ª Série)*, Lisboa (Separata da Revista *Nação Portuguesa*, Vol. X, Fasc. III).
- MENESES, D. Francisco Xavier de, 1729, *Fabulas de Eco, y Narciso (...)*, Lisboa Occidental, En la Imprenta Herreiriana.
- MONFORT, Jacqueline, 1972, *Quelques notes sur l’histoire du théâtre portugais (1729-1750)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian (Separata da Revista *Arquivos do Centro Cultural Português*, IV).

- MONTEIRO, Nuno Gonçalo Freitas, [1998], *O Crepúsculo dos Grandes (1750-1832)*, [Lisboa], Imprensa Nacional/ Casa da Moeda.
- MONTEIRO, Ofélia M. C. Paiva, 1963, *No alvorecer do “Iluminismo” em Portugal, D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira*, Lisboa (Separata da *Revista de História Literária de Portugal*).
- MOTA, Isabel Ferreira da, 2003, *A Academia Real da História. Os intelectuais, o poder central e o poder monárquico no séc. XVIII*, Coimbra, Edições MinervaCoimbra.
- O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*, [1989], Tradução, prefácio e notas, Castelo-Branco Chaves, 2ª ed., Lisboa, Biblioteca Nacional.
- RIVARA, Joaquim Cunha (org. e notas), 1850-1871, *Catálogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborensis*, 4 Vols., Lisboa, Imprensa Nacional.
- RIZZINI, Carlos, [1945], *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil 1500-1822*, Rio de Janeiro, Livraria Kosmos Editora.
- SAMPAYO, Luiz Teixeira de, [1984], *Estudos Históricos*, [Lisboa], Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- SARAIVA, António José, e LOPES, Óscar, [1989], *História da Literatura Portuguesa*, 15ª ed., [Porto], Porto Editora.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, 1974, *A historiografia portuguesa. Doutrina e crítica*, Vol. III, [Lisboa], Editorial Verbo.